

DIRECTOR: Arthur Bivar  
 REDACÇÃO: Rua da Republica  
 Casa N.º 141 - Guimarães  
 PROPRIETARIO: MINHO GRAFICO.

# VOZ DE GUIMARAES

## SEMANARIO REGIONALISTA

ADMINISTRAÇÃO E IMPRESSÃO: Tipografia do «Diário do Minho»  
 ADMINISTRADOR E EDITOR: Luiz Gonzaga Pereira  
 Rua da Republica  
 GUIMARAES

### A nossa expansão

#### Mais um semanario

### Ecos de Negrelos—Deu-la-Deu-Voz de Guimarães—Voz de Coura

Na União Regional da Imprensa, que pacientemente vamos firmando, entra hoje um vigoroso confrade, a «Voz de Coura», que além de um augmento de tiragem de quasi mil exemplares traz á nossa obra o concurso valiosissimo do seu material grafico e dos seus colaboradores.

Na proxima semana ficará instalado nas nossas oficinas o material que nos faltava para irmos atenuando os inconvenientes de publicar tantos semanarios com o nosso pouco material disponível. A nosso lado virão também enfileirar novos elementos de trabalho, que o movimento crescente desta casa torna indispensaveis.

Antes do fim do mez teremos também nas oficinas uma enorme remessa de material tipografico que fará desaparecer de vez a aglomeração no mesmo numero do Diario de originaes relativos aos concelhos organizados.

Com lentidão, mas com firmeza iremos executando o nosso plano, não nos poupando a fadigas e sacrificios até vermos o Diario transformado, digno de Braga e do Minho, e repercutida a sua voz por todos os concelhos. Um diario em Braga, um semanario em cada concelho! Querer é poder!

Res non verba. Obras não palavras!

### Voz de Coura

Os srs. assignantes da Voz de Coura que sejam ao mesmo tempo assignantes do Diario, ou a' algum dos nossos semanarios, devem devolver o semanario que não desejarem continuar a receber, visto que os nossos semanarios teem todos uma parte geral comum.

Tudo o catolico deve assignar de preferencia o jornal do seu concelho.

Com essa devolução não causam prejuizo nenhum, porque a União Regional da Imprensa é uma federação de todos os jornaes.

Quanto aos senhores assignantes da Voz de Coura que o sejam também do Diario do Minho, deverão devolver a Voz de Coura.

### Atenção!

Toda a correspondencia relativa á Redacção da Voz de Coura, dara não haver demoras, deve ser enviada a Avelino Teixeira d'Andrade, Redacção do «Diario do Minho» — Bra. a.

Toda a correspondencia relativa á Administração, deve ser dirigida a

PADRE JOSÉ TEIXEIRA D'ANDRADE  
 Paredes de Coura.

### Os nossos melhoramentos

Como já noticiamos, todos os nossos jornaes vão sofrer uma remodelação completa, a partir de 1.º de Dezembro.

O «Diario do Minho» passará a publicar-se ás segundas feiras também, e dará com frequencia numeros de 6 paginas, apesar da complicação que isso representa antes de termos a maquina rotativa.

Os semanarios começarão a ter uma compilação mais perfeita e adequada ás necessidades de cada concelho.

Correspondemos assim á benevolencia com que nos teem sido relevadas as deficiencias e á malevolencia com que se tem procurado criar obstaculos a esta obra de sacrificio e de concordia, que só se inspira e alimenta num grande amor á patria pequena, que é o Minho, dentro da Patria grande, que é Portugal.

União e avante pelo regionalismo, pelo despertar de toda a provincia, condição indispensavel do seu progresso.

O Minho e o Alentejo marcham na vanguarda do movimento regionalista. Dentro do Minho, marcham na vanguarda dos concelhos, Braga, com o «Diario do Minho», Santo Tirso, com os «Ecos de Negrelos», Guimarães, com a «Voz de Guimarães», Paredes de Coura, com a «Voz de Coura» e Monsanto com o «Deu-la-Deu».

Outros concelhos estão esperando que nesta casa estejamos preparados para lhe atender a voz do despertar!

Até breve!

U. R. I.

### Ação

Acabamos de ler dois artigos que muito nos consolaram, e que, publicados quase simultaneamente, estão em perfeita união de vistas: um, o primeiro que li, é o editorial do «Diario do Minho», intitulado «Crime de Beja»; outro, é o «A Epoca», subordinado á epigrafe «Somos Reacionarios!»

Afirmam-se ambos valentissimamente, mas com carradas de razão, aos conservadores. Que conservadores são estes de hoje em dia?

«Conservadores», diz Lynce no «Diario do Minho», que nada conservaram: monarchicos, republicanos, e, entre uns e outros, os catholicos que bandeados com partidos e patrulhas politicas, foram deixando definhir nopaiz as fabricas de cristãos, auxiliando a mentar e desenvolver as fabricas de feras.

Semearam e deixaram semear ventos. Estão colhendo, e hão de colher ainda mais tempestades.

«Conservador», afirma «A Epoca» com acrimonia, significa hoje: comodismo, inercia, transigencia de opniões e subordinação ao lucro material imediato. E assim. Terham paciência se não agrada. Mas é assim. Ora nós, prosegue «A Epoca», não somos conservadores desta maneira. O que nós somos é REACIONARIOS.

Ser conservador significa inercia. Ser reacionario significa acción. Ora não estamos neste posto voluntariamente, reagindo, reagindo CONTRA A DESORDEN, CONTRA A ANARQUIA, CONTRA O CRIME. E se as nossas classes chamadas conservadoras não estão resolvendo a reagir, tenham a certeza de que morrerão atropeladas pela vaga ululante do Desordem. Terham a certeza d'isso.

E, terminando, diz o brilhante diario de Lisboa: «Ainda é tempo de nos salvarmos? Ainda, por certo, mas á custa do sacrificio immediato d'aquele comodo inercia em que tanto se toem deliciao os conservadores. São, não?»

Verdades como punhos são estas que se proclamam sem rebuço nos dois acreditados orgaos da imprensa a que nos acabamos de referir.

Conservador que nada conserva é creatura inteiramente inutil, direi melhor, nefasta. Nefasta, sim, porque se não concebe um inerte perante as afrontas á religião e os ultrages á patria; um inerte, um indifferente, perante as gravissimas convulsões sociaes que nos agitam; perante a anarquia desenvolva que ameaça subvertir a nacionalidade dum momento para o outro; esse tal conservador é um indigno, é um criminoso, é um indigno do nome portuguez, é um criminoso autentico de lesa-patria!

Vimaranenses! guerra sem treguas ao conservantismo enervante, vergonhoso, deprimente. Reajamos todos com vigor, e já. Toca a cerrar fileiras!

Adesiremos-nos sem perda de tempo para a luta eleitoral que se aproxima, e para, dentro da legalidade, fazermos face a tudo quanto seja atentatorio da nossa crença e do nosso amor patrio. Apliquemos todo o nosso esforço em salvar Portugal. Salvá-lo-hemos sem duvida. Teremos essa suprema ventura, se ao clamoroso grito de ACÇÃO que se faz ouvir agora do norte ao sul do paiz, comparecermos todos immediatamente e honrosamente.

ROMEIRO.

### O povo sobe ano

Mas que desgraçado soberano não é o povo portuguez!

Contempla-o aqui, em Guimarães, pobre, palmeiro, esfarrapado, tenho dó dele!... O desolado soberano, ncs tempos ominosos em que era subdito fiel, vvia alegre, contente, feliz; envergava aos domingos e dias santos a sua fatiota nova; ia dar o seu passoleito; levava um merendeiro para um lugar pitoresco, a nossa Penha encantadora de preferencia; e ali, congregada a familia, petis-ava-se do fiel amigo, o belo e loiro bacalhau, trincava-se appetitosamente algumas pradas, e por cima o verdisco puro, vale te, a saltar!...

E tudo, toda a merendola reconfortante e alegre, ficava por uns escassos cinco ou seis tostões.

Mas então, nesses ominosos tempos, o soberano era subdito.

Passou, porém, o subdito a ser soberano, e, suprema irritação! o manjar que lhe offercem é bacalhau pôdre a dois mil reis o quillo, e a respeito de vinho... o mala-ratos a cinco tostões o quartillo!

Mas então, dizeis vós, que beba agua, que a ha em Guimarães d'liciosas.

Iso sim.

Há, não ha duvida, mas para os particulares que a teem canalhada em suas casas; ao povo soberano, em virtude da estigam; fecharam-se-lhe a maior parte dos fontanarios, de sorte que ele, perdendo o seu precioso tempo para o trabalho, tem de estar aos magotes, numa ou noutra rua, como mais apto a encontrar a vidade vimaranense, á espera da tardia vez para se desesdentar, ou para encher o cantarinho.

O povo soberano... que desgraçado soberano ele não é! O mísero nem agua tem!

P. S. — Depois disto escrito, mandou Deus piedoso abrir-se as cataractas do céu, e eis que torrentes d'agua vieram fertilisar a terra! se assim continuar mais algum tempo poderá affirmar o povo soberano fartamente laudat a barriga.

### Notas

#### que eu tomo

AVAREZA

Que miseria, que mesquinhez a do avarento! A sociedade e o teatro estgo cheios de anecdotes onde se expõem todas as decepções, ridicularias, loucas combinações de que se nutre esta paixão funesta: é um homem, que privado da vista se faz operar só dum olho, convencido de que um é bastante para ver e contar dinheiro, e que o outro é um olho de luxo; é outro, que se levanta de noite para roubar o grão aos seus cavalos; é outro, que dá ás galinhas serradura em lugar de pãinço, persuadido de que o estomago delas se contenta com a apparencia.

CAMILO CASTELO BRANCO.

#### AO CHRISTO DE MINHA CABECEIRA

(Do Castelhana)

Tu velas nessa cruz, onde cravado Te deixa vergonhoso e dolorido, Mas que o odio dum povo fementido, O peso que tomaste do peccado.

Tu velas nessa cruz, e descuidado, A teus pés, meu espirito rendido Vai entre os braços dum gostoso obviado, Dormir dum sonho a outro arrebatado.

Do despertar nem elle sabe a sorte: Se é pra penas ou gosos nesta vida: Se é pra no juizo em repentina morte!

Tua graça, Jesus, compadecida Pra hora de te ir ver me reconforte. Ai hora desejada, hora temida!

C. S.

#### UM PENSAMENTO POR DIA

No principio a paixão pede, depois exige, e por fim obriga.

#### A NOTA ALEGRE

Entre estudantes da escola médica.

—Estou indeciso sobre a escolha da especialidade a que hei de dedicar-me: estomago, olhos, garganta, ouvidos... não sei!

—Pois eu cá, meu velho, ha muito que escolhi: vou especialisar-me em odontalgia; — os dentes sempre são trinta e dois em cada pessoa...

Edelweiss.

### ALTO CLERO...

O illustre cardeal Saraiva, D. Frey Francisco de S. Luiz, não gostava desta expressão, opoz-a a bixo clero. Nem nós.

Esta epigrafe serve para uma leve nota a um artigo do sr. Alfredo Pimenta, no CORREIO DA MANHÃ, de 17.

O sr. Alfredo Pimenta, que como diz sem excesso algum de modestia, tem um NOME QUE ALGUMA COUSA VALE e que COMO POETA E ARTISTA VIVEM FORA DA MULTIDÃO NA SUA INACCESSIVEL TORRE DE MARFIM—abunda nas ideas do nosso colaborador LYNCE, no artigo O CRIME DE BEJA, que coñcediu com o da EPOCA, como se vê do artigo ACÇÃO que hoje nos mandou um colaborador de Guimarães, e com SANTA CRUZ que pregou ta de QUEM É A CULPA lá das risonhas terras de Deu-la-Deu!

Isto é significativo! Todos concordarem que a culpa é dos conservadores! Todos! E' O MEA CULPA geral. Oigamos o sr. Pimenta:

A verdade, a cruel mas verdadeira verdade é que nem o Alto Comercio, nem a Alta Industria, nem a Alta Finança, nem o Alto Clero nem o Alto Exercito, nem o Alto Professorado tem sabido cumprir o seu dever, têm opposto á anarchisação de baixo, a disciplina, o desinteresse, a intelligencia de cima.

Deixaram que alastrasse a crise dos partidos politicos. Deixaram que alastrasse a crise do regimen politico. Deixaram que alastrasse a crise social.

O seu caminho foi o das葱temporisações systematicas, porque só um sentimento a determinou—o egoismo.

Contemporisar, para se em poupados, como se as labaredas, uma vez ardendo alto, possam poupar alguma coisa.

Nós que somos dos que não teem que perder, materialmente fallando, pois vivemos da nossa intelligencia. n'uma epocha em que a intelligencia pouco vale nos logares onde predominam negocios, nós que poderíamos estar rico, as queressemos transigr e contemporisar, nós oppuzemo-nos á maré, e, fallando e escrevendo, deitando todos os dias para a Floresta Negra d'esta Poltica, para os beccos escuros d'estes debates, para o risco serio d'esta, o nosso nome que alguma coisa vale, nós podemos dizer aos conservadores portuguezes, que a culpa de tudo é principalmente sua.

Muito bem. Apenas aquela culpa do ALTO CLERO que NÃO TEM SABIDO CUMPRIR O SEU DEVER nem tem opposto a anarchisação de baixo a disciplina, o desinteresse, a intelligencia de cima—merece reparo.

Quaesquer que hajam sido os cu pas do Episcopado noutros tempos em que a monarchia fraca o fabricava á sua imagem e semelhança, o Episcopado hoje apontou de cima o caminho, com intelligencia, em uma do desinteresse e com disciplina: a união dos catholicos no Centro para a reivindicación immediata d'aqueles sustentaculos sociaes que são indispensaveis, quer em republica, quer em monarchia, para oppor nome e barreira á anarchisação de baixo.

Quem ainda não aprendeu a cumprir o seu dever como conservador, que intitulado-se catolico, responde a essa orientação salvadora—VIDE Alemanha, Hungria, Belgica, Italia...—com actos de indisciplinada preferencia de interesses secundarios e pouca intelligencia na apreciação dos factos, que hão de acabar por levá-los d'este MEA CULPA O MEA MAXIMA CULPA quando já for tarde.

Isto seja dicto sem szadumé, cá d'entre a peonagem, muito abaixo da inacessivel Torre de Marfim do sr. Alfredo Pimenta.

### Pyramidal!

E' simplesmente o facto de se andar a erguer trilhos no formoso largo do Carmo. Que bem que ficam os rails velhos do caminho de ferro num dos sitios mais apraziveis e asseados de Guimarães!

Que beleza de hortaliça!

### Para meditar

A hora presente é uma hora sinistra, uma hora alarmant.

Todos sabem o que se passa. Os acontecimentos desencaixam-se implacavelmente, tragicos horrivelmente macabros.

E nós vemos cada vez mais claramente a mão da Providencia. Quem a não tem visto, des de ha tanto tempo!

Em Sebubal, lê se num jornal o individuo que arremessou da tribuna da capela-mor da igreja dos jesuitas a fôrmo sa imagem do Cração de Jesus, de tamanho natural que se despedaçou no pavimento, foi mais tarde aqule edilio, já convertido em estação telegrafica postal, e escoregano, no proprio sitio onde cah u a imagem, deu uma queda de tal gravidade, que morreu del.

Outro, que apostára em ir tocar os sinos da torre de Brancanes, de noite, para «enganar as beatas», cobiu um dia de grande altura, falecendo em virtude da queda.

O que arremessou á fogueira a imagem do Senhor Morto, da igreja dos jesuitas, morreu d'uma doença misteriosa, que os proprios medicos não acertavam a diagnosticar, queixando-se de violentos e dolorosos ardores no estomago. O desgraçado dizia elle proprio que o seu atroz sofrimento era castigo do que fizeram em 1910,

O individuo que espoteára os porcos vivos em B. acanes creatura perversa e de maus instinctos, indo um dia roubar fructa a uma quinta, apa hou tamanha sova do guarda, que morreu.

E por ai adeante.

Mas ha surdos que não querem ouvir.

E ha cegos tão obstinados que não querem ver.

A Justiça implacavel!

### A margem do rio

O tio Geronimo era um trente tñcero, convicto.

Mas conhecia apenas superficialmente a religião.

Era muito amigo do seu paroco. Sofria com o seu abade as contrariedades mortificantes que a vida parochial tem a toda a hora.

Experimentava também as alegrias que na alma deixa o cumprimento do dever.

Sempre que presentia desanimos na alma do seu paroco, entrava no presbiterio e procurava levantar o espirito do Ministro do Senhor com uma palavra amiga, reconfortante.

Mas tinha um defeito grave, o tio Geronimo,—defeito proveniente do seu pouco conhecimento da religião.

Um dia encontrou-o ali a baixo, assentado numa pedra tosa, á margem do rio Viz.iz.

Estava concentrado, absorvido em meditação profunda.

Nem dava tempo do rumor dos meus passos.

Aproximel-me a puz-lhe a mão no ombro.

—Em que medita, bom tio Geronimo? Surpreendido pela minha presença e, num gesto doloroso, a voz comovida, o tio Geronimo explica:

—Ora em que havia eu de meditar! Tanto trabalho de acción religiosa, tantas canceiras em favor das almas... e pouco fructo vejo.

—O tio Geronimo! Você quita ver tudo na terra como... no ceu, não era? Espera, homem, espera.

Não vê as obras da acción religiosa florescentes, com dedicações que deem na vista, com entusiasmos. Isso não vê. E é precisamente nisso que eu vejo a garantia de que são obras de Deus.

Lembre-se da parábola do Evangelho: «o reino dos ceus é semelhante ao grão de mostarda que um homem tomou e semeou no seu campo.»

E' o mais pequenino dos grãos que se deita na terra; porém, germina, cresce, ultrapassa as outras plantas, estende por longe os seus ramos e torna-se uma grande arvore, de modo que as aves do ceu veem ali pousar e encontram um abrigo á sombra dos seus ramos.

A igreja Católica, tio Geronimo, foi, na sua origem, o que o mundo julga mais fraco e mais desprezivel; dize pescadores, discipulos dum condenado á morte, pregando uma doutrina feita de misterios e de sacrificios.

Porém, mal atravessou os continets da Palestina, logo os representantes da civilização pagã,—sacerdotes, reis, sabios, conheceram que ella continha em si uma força prodigiosa.

A religião pagã, a politica, a sciencia ligaram-se para entravarem a expansão do cristianismo. Mas foi em vão! Daí a pouco mais de dois seculos, Tertuliano escreveu, dirigindo-se aos perseguidores da Igreja:

«Somos apenas de ontem e já enchemos todos os continentes e as ilhas, as praças de guerra e as cidades abertas, os mercados, as assembleias politicas e os campos, os palacios, o senado e o forum; uma só epigrafe vos deixamos: os vossos temples.»

E o mundo, cançado de tiranias, discórdias, erros, luxurias, atrocidades horrores, descaçava, embalado-se nos braços da Igreja.

«Lhe, tio Geronimo: é o que vai acontecer novamente: a este mar revolto dos nossos dias, vai succeder a ordem trazida ao coração d's sociedades pela Igreja Católica. Não desanime.

A palavra de Deus não falta.

A demencia de endemoinhaos, que se verifica em certos homens, é sinal dos ultimos arrancos do principio das Trevas contra a Luz.

### Santa Religião

(Verdades escritas para o povo)  
 2.ª edição revista pelo autor  
 Com permisso da Autoridade eclesiastica  
 A venda é em favor do cofre de Nossa Senhora da Assunção, de Santo Tirso.  
 Preço 300 réis  
 Ver noticias e correspondencia na quarta pagina.

### Praças ennistadas pelo crime de deserção

As praças das tropas activas que tenham sido ou venham a ser ennistadas do crime de deserção por estarem ao abrigo do Decreto de anistia n.º 5787—5—A, de 10 de maio de 1919, que desertaram achando-se na efectividade do serviço, não tendo por este facto completado o tempo de serviço no quadro permanente a que por lei estavam obrigados, que, tendo dado cumprimento ao disposto no n.º 3 do citado Decreto de anistia, effectuaram a sua apresentação ás autoridades colonias ou consulares dentro de prazos marcados referidos no Decreto

de Anistia, não são dispensadas do serviço no quadro permanente que deixaram de prestar pelo facto de terem desertado devendo par completarem esse tempo de serviço apresentar-se nos unidades a que pertenciam até 31 de Julho de 1922, sendo até esta data consideradas ausentes sem licença, licença que deverá ser averbada com o inicio na data de apresentação supracitada ás autoridades colonias ou consulares.

Findo este prazo proceder-se-ha para com ellas, em analogia com o preceituado no n.º 2 do artigo 124 do Código de Justiça Militar, isto é, caso não se apresentem até 31 de julho de 1922 nas unidades a que pertencem, comear-se-lhe-ha a contar o prazo de tempo necessario para serem novamente considerados desertores.

# O CRIME DE BEJA

De norte a sul, a noticia da catastrophe, estremeceu de horror a gente de Portugal. A boa e generosa alma do povo português com frange-se, freme, rompe em maldições impotentes contra os auctores do nefando atentado. Quanto mais o espirito se detem a recompor a scena horrivel dessa madrugada de novembro, tibiamente alumada por um crescente de lua: o combolo cheio de gente, homens, mulheres, creanças, velando ou dormindo descuradas, na corrida pela deserta campina alemtejana, e lá ao longe, ao mesmo luar, homens perversos, friamente, com metodo, talvez rindo, sem terem descorado ante os primeiros insuccessos, dispondo nos trilhos o material que ha de dentro de poucos minutos transformar aquele sitio, deserto e placido, num tumulo de dezenas, talvez de centenas de pessoas, esfaceladas, trituradas, carbonizadas... quanto mais o espirito se detem a recompor essa scena de quasi inconcebivel ferocidade, mais irreprimivel brota do fundo de toda a alma verdadeira mente portuguesa, a repulsa por tamanho crime.

E cada um de nós diz, e se o não diz sente o, que se naqueles momentos apparecesse, ou se agora passassem no meio de nós os auctores desse cannibalismo, estimaria vê-los estrachados por cães raiivosos como cães raiivosos parecem os executores de tal monstruosidade.

—Porque esses monstros não são homens, são feras! — clamam em todos os tons os jornaes de todos os partidos. E a feras não de via dar-se a honra de serem objecto da acção da justiça regular!

Isto sente-se, isto ouve-se dizer em cada grupo de conservadores, desde o dia da horrenda tragedia, que enlutou a alma portugueza e atralou sobre o nome portuguez, lá fóra, mais um triste labeu.

E os verdadeiros auctores da tragedia andam aí, livres e não molestados, no meio de nós, pelas nossas praças, pelos nossos clubs, pelos nossos teatros, pelas nossas egrejas...

Os criminosos de Beja, por mais que se grite o contrario, não são feras são homens. Não nos deixemos ludir pelo estilo figurado! São homens, não são feras. E são homens cultos, não são camponezes sem cultura. O que não são é cristãos...

E os verdadeiros auctores da tragedia, os que por aí andam, livres e não molestados, pelas praças, pelos clubs, pelos teatros, pelas egrejas... também são homens, não são feras.

E comtudo são eles os verdadeiros auctores da tragedia. Os de Beja foram editores. Os auctores foram eles, os que em estilo figurado — oh! o maldito estilo figurado que nos ilude e nos perde! — os que em estilo figurado se chamam conservadores!

Eles não conservam coisa nenhuma! Eles não conservaram a monarchia que diziam amar e sacrificaram na em longos anos de decadencia ás suas miseraveis ambições pessoais e partidarias; eles não conservaram as liberdades Nacionais e mais sagradas, a liberdade de associação para o bem, a liberdade de ensino para as virtudes do catecismo; eles não conservaram nada disso que era indispensavel para que não surgisse uma geração de feras, em estilo figurado, como as que desviaram para os heroes da catastrophe um combolo cheio de gente, e que já repetiram a façanha, e ameaçam repeti-la muitas vezes, levando aos verdadeiros auto es da tragedia, aos conservadores que nada conservaram a pavorosa duvida sobre a possibilidade de viajarem conservando ao menos, intatta a propria pele!

E agora ante esta tragedia atroz e o perigo que nos ameaça a todos, gastam-se caudales de tinta a verberar o crime, a declamar maldições a surgir ameaças se perdem impotentes no espaço, a propor alvitres selvagens, matanças colectivas, revoluções vingadoras, novas ondas de sangue, novos fermentos de odios, novos baques de abismo em abismo, no despenho insustavel para todo isto leva não se sabe para onde...

Mas a verdade clara, sem rebuço, durissima, singela, desadornada de artificios retóricos, essa

não a vemos proclamar bem alto, sem temor de desagradar seja a quem for!

Essa verdade é esta: os verdadeiros auctores da tragedia de Beja, foram os conservadores, que nada conservaram: monarchicos, republicanos, e, entre uns e outros, os catholicos, que ha cincoenta annos bandeados com partidos e patulhas politicas, foram deixando definir no paiz as fabricas de cristãos, auxiliando a montar e desenvolver as fabricas de feras.

— Semearam e deixaram semear ventos. Estão colhendo, e hão de colher ainda ma s tempestades.

Em plena metade do seculo XIX um poeta de genio, mas de genio inflamado por fogo infernal, entoou no meio da Europa o himno a Satanaz:

SAUTE, O SATANA!  
O RIBELLIONE!  
DELLA REGIONE!  
ERA ARVORAR A BANDEIRA DO RACIONALISMO SATANICO. O combate movia-se sobretudo contra a Igreja catolica:

— Não podia haver duvida: sauda-se uma bandeira, em que estava escrito o nome do general: Satanaz! Salute o Satanaz! Proclamava-se a revolta: o ribellione! Revolta contra quem? Contra Deus, representado na terra pela Igreja Catholica: Depois a tu nica Martinho Lutero! Sacode as tuas cadeas, o pensa mento humano!

— Estava travada a luta. O pensamento humano a razão revoltada, viu bem onde lhe convinha travar a luta decisiva: na escola e na imprensa.

Os conservadores em sentido figurado e catholicos... por tradição, não viram nada. Deixaram arrancar a imagem de Cristo das escolas e nunca pensaram em abrir, como deviam, a grande escola da imprensa. E como as creanças deiraram de ouvir na escola infantil o amarás a Deus, e ao proximo, não matarás, não cobiçarás as coisas alheias, e como depois de adultos aprenderam na escola da imprensa: não amarás a Deus, porque Deus não existe, matarás o proximo porque o proximo te explora e cobiçarás as coisas alheias porque a propriedade é um roubo — em vez de christãos temos feras!

Os conservadores em sentido figurado produziram as feras em sentido figurado. E como a causa da cansa é causa do causado, segundo a velha sentença, deselegante mas irrefutavel, os auctores do crime de Beja foram os conservadores que não deixaram fazer do homem o cristão, ajudando a fazer nele a fera.

Beja!

Como se o destino quizess continuar esta durissima verdade; a diocese onde mais avançou a obra da deschristianização é aquella onde começa a tragedia de espição.

De Lisboa se legislou o mal e Lisboa é um mar de sangue. Em Beja foi onde a semente do mal melhor medrou — de Beja se começa a recolher nas provincias o triste fructo...

Ainda não será hora de abrir os olhos á realidade e cerrar os ouvidos á retórica?

Lynce

Notas que eu tomo

AS MOEDAS E AS ALMAS

Uma moeda d'ouro ainda que tenha duma banda uma cruz e da outra a imagem de l-rei, não a tomamos sem a pesar, e caso que quando saiu da casa da moeda, fosse de peso, todavia se por tempo anda de mão em mão, pôde vir a ser tão corrida e safada, que já se lhe não enxerguem cunhos nem cruzes, nem tenha seu peso, nem sua valia: assim nossa alma é como uma moeda, em que está esculpida a imagem de Deus, porque ele nos criou á sua imagem e semelhança e está nela um sinal da cruz por que fomos remidos. E ainda que, tanto que bebamos do baptismo, seja a nossa alma de peso, por estar em graça, todavia depois de metida em negocios de mun-

do, anda tanto de mão em mão, tão inquieta, tão mudavel, tão traslegada que já se nela não enxerga a imagem de Deus nem a cruz de Christo, e assim anda sem peso e sem valia.

Frei HITOR PINTO.

O POBREZITO

Jesus ao encontrar meigo, sorrindo, um pequenino nu, esfarrapado, interrogou n'um doce tom magoado: — não sentes filho, o frio qu'está caindo!

A creancinha erguendo a fronte loira, olhar cheio de azul, e creança e luz, madrugada serena, encantadora, respondeu a sorrir ao bom Jesus.

Edelweiss.

UMA NOTA ALEGRE

O avô faz saltar o neto sobre os joelhos e pergunta-lhe: — Gostas? — Gosto, avô, mas gostava mais de um burro á valer!

Edelweiss.

UMA NOTA ALEGRE

O avô faz saltar o neto sobre os joelhos e pergunta-lhe: — Gostas? — Gosto, avô, mas gostava mais de um burro á valer!

Edelweiss.

UMA NOTA ALEGRE

O avô faz saltar o neto sobre os joelhos e pergunta-lhe: — Gostas? — Gosto, avô, mas gostava mais de um burro á valer!

Edelweiss.

UMA NOTA ALEGRE

O avô faz saltar o neto sobre os joelhos e pergunta-lhe: — Gostas? — Gosto, avô, mas gostava mais de um burro á valer!

Edelweiss.

UMA NOTA ALEGRE

O avô faz saltar o neto sobre os joelhos e pergunta-lhe: — Gostas? — Gosto, avô, mas gostava mais de um burro á valer!

Edelweiss.

UMA NOTA ALEGRE

O avô faz saltar o neto sobre os joelhos e pergunta-lhe: — Gostas? — Gosto, avô, mas gostava mais de um burro á valer!

Edelweiss.

UMA NOTA ALEGRE

O avô faz saltar o neto sobre os joelhos e pergunta-lhe: — Gostas? — Gosto, avô, mas gostava mais de um burro á valer!

Edelweiss.

UMA NOTA ALEGRE

O avô faz saltar o neto sobre os joelhos e pergunta-lhe: — Gostas? — Gosto, avô, mas gostava mais de um burro á valer!

Edelweiss.

UMA NOTA ALEGRE

O avô faz saltar o neto sobre os joelhos e pergunta-lhe: — Gostas? — Gosto, avô, mas gostava mais de um burro á valer!

Edelweiss.

UMA NOTA ALEGRE

O avô faz saltar o neto sobre os joelhos e pergunta-lhe: — Gostas? — Gosto, avô, mas gostava mais de um burro á valer!

Edelweiss.

UMA NOTA ALEGRE

O avô faz saltar o neto sobre os joelhos e pergunta-lhe: — Gostas? — Gosto, avô, mas gostava mais de um burro á valer!

Edelweiss.

UMA NOTA ALEGRE

O avô faz saltar o neto sobre os joelhos e pergunta-lhe: — Gostas? — Gosto, avô, mas gostava mais de um burro á valer!

Edelweiss.

UMA NOTA ALEGRE

O avô faz saltar o neto sobre os joelhos e pergunta-lhe: — Gostas? — Gosto, avô, mas gostava mais de um burro á valer!

Edelweiss.

UMA NOTA ALEGRE

O avô faz saltar o neto sobre os joelhos e pergunta-lhe: — Gostas? — Gosto, avô, mas gostava mais de um burro á valer!

Edelweiss.

UMA NOTA ALEGRE

O avô faz saltar o neto sobre os joelhos e pergunta-lhe: — Gostas? — Gosto, avô, mas gostava mais de um burro á valer!

Edelweiss.

UMA NOTA ALEGRE

O avô faz saltar o neto sobre os joelhos e pergunta-lhe: — Gostas? — Gosto, avô, mas gostava mais de um burro á valer!

Edelweiss.

UMA NOTA ALEGRE

O avô faz saltar o neto sobre os joelhos e pergunta-lhe: — Gostas? — Gosto, avô, mas gostava mais de um burro á valer!

— Não canta o passarito, o bosque, a flor? a planta, a luz, o dia que se esvae! tambem eu canto e rio, ó bom senhor; sou feliz, tenho mãe e tenho pa!

IzABEL FERREIRA.

UM PENSAMENTO POR DIA

O espirito mais forte é o que melhor conhece a sua fraqueza.

LAMENAS.

UMA NOTA ALEGRE

O avô faz saltar o neto sobre os joelhos e pergunta-lhe: — Gostas? — Gosto, avô, mas gostava mais de um burro á valer!

Edelweiss.

UMA NOTA ALEGRE

O avô faz saltar o neto sobre os joelhos e pergunta-lhe: — Gostas? — Gosto, avô, mas gostava mais de um burro á valer!

Edelweiss.

UMA NOTA ALEGRE

O avô faz saltar o neto sobre os joelhos e pergunta-lhe: — Gostas? — Gosto, avô, mas gostava mais de um burro á valer!

Edelweiss.

UMA NOTA ALEGRE

O avô faz saltar o neto sobre os joelhos e pergunta-lhe: — Gostas? — Gosto, avô, mas gostava mais de um burro á valer!

Edelweiss.

UMA NOTA ALEGRE

O avô faz saltar o neto sobre os joelhos e pergunta-lhe: — Gostas? — Gosto, avô, mas gostava mais de um burro á valer!

Edelweiss.

UMA NOTA ALEGRE

O avô faz saltar o neto sobre os joelhos e pergunta-lhe: — Gostas? — Gosto, avô, mas gostava mais de um burro á valer!

Edelweiss.

UMA NOTA ALEGRE

O avô faz saltar o neto sobre os joelhos e pergunta-lhe: — Gostas? — Gosto, avô, mas gostava mais de um burro á valer!

Edelweiss.

UMA NOTA ALEGRE

O avô faz saltar o neto sobre os joelhos e pergunta-lhe: — Gostas? — Gosto, avô, mas gostava mais de um burro á valer!

Edelweiss.

UMA NOTA ALEGRE

O avô faz saltar o neto sobre os joelhos e pergunta-lhe: — Gostas? — Gosto, avô, mas gostava mais de um burro á valer!

Edelweiss.

UMA NOTA ALEGRE

O avô faz saltar o neto sobre os joelhos e pergunta-lhe: — Gostas? — Gosto, avô, mas gostava mais de um burro á valer!

Edelweiss.

UMA NOTA ALEGRE

O avô faz saltar o neto sobre os joelhos e pergunta-lhe: — Gostas? — Gosto, avô, mas gostava mais de um burro á valer!

Edelweiss.

UMA NOTA ALEGRE

O avô faz saltar o neto sobre os joelhos e pergunta-lhe: — Gostas? — Gosto, avô, mas gostava mais de um burro á valer!

Edelweiss.

UMA NOTA ALEGRE

O avô faz saltar o neto sobre os joelhos e pergunta-lhe: — Gostas? — Gosto, avô, mas gostava mais de um burro á valer!

Edelweiss.

UMA NOTA ALEGRE

O avô faz saltar o neto sobre os joelhos e pergunta-lhe: — Gostas? — Gosto, avô, mas gostava mais de um burro á valer!

Edelweiss.

UMA NOTA ALEGRE

O avô faz saltar o neto sobre os joelhos e pergunta-lhe: — Gostas? — Gosto, avô, mas gostava mais de um burro á valer!

Edelweiss.

UMA NOTA ALEGRE

O avô faz saltar o neto sobre os joelhos e pergunta-lhe: — Gostas? — Gosto, avô, mas gostava mais de um burro á valer!

Edelweiss.

UMA NOTA ALEGRE

O avô faz saltar o neto sobre os joelhos e pergunta-lhe: — Gostas? — Gosto, avô, mas gostava mais de um burro á valer!

Edelweiss.

UMA NOTA ALEGRE

— O último mercado semanal decorreu assim: milho branco 7500; centeio 7500; feijão amarelo 6550; duto mudo 5500; duto rajado 6500; bata ta 4500 e a duzia dos ovos 2510.

Sobre a questão do assucar da camara deste concelho que foi apashado por um negociante de Braga, tenho a dizer que foi entregue a juizo o inquerito sobre essa questão, persuadido de que ficará em «agua de bacalhau».

— Em Louredo, deste concelho, existe uma questão com a junta de paróquia da freguesia, por esta não venerar o repouso dos mortos daquelle freguesia.

Tem razão esse povo e mostra o zelo pelos mortos.

— No p. p. Domingo, realizou-se em Quintela, freguesia de Tíde uma festividade em honra de N. Senhora das Graças, pregando o rev. Alberto da Cunha Monteiro.

FRANCO.

ARCCOS DE VAL-DE-VEZ

Para o sr. Eugénio Lisboa Saraiva de Menezes, foi pedida em casamento a sr.ª D. Emilia Carolina Sotto Maior Vieira Lisboa.

O enlace matrimonial deve realizar-se brevemente. Desejamos-lhes as prosperidades de que são dignos.

— Acaba de ser empregado na Companhia Shell, nesta villa, o sr. Gaspar Gonçalves Vianna. Parabens.

— Faleceu em Lisboa a sr.ª D. Marianna Pereira de Castro Caldas, da illustre Casa da Andorinha, desta Villa, Pezames aos doridos.

— Na freguesia de Santa Cristina, tambem faleceu a sr.ª Maria de Amorim, proprietaria, esposa do sr. Antonio José da Silva, pelo que lhe apresentamos os nossos sentimentos.

— Retirou para Nova York, o sr. Torquato Cequerira O-sares, a quem desejamos uma feliz viagem.

C.

**Hotel e Restaurante Quintela**

25, Avenida da Liberdade, 29 - Braga

PROPRIETARIO: ABEL QUINTELA

Este hotel e restaurante o mais central desta cidade, é recomendado e muito procurado pelo seu bom tratamento, tanto em serviço de lista, como mesa redonda, em vista da sua modicidade de preços.

**ESPECIALIDADE EM VINHOS VERDES**

**Grandes Armazens da Caixa de Credito Bracense**

CASA FUNDADA EM 1875

Extraordinario sortido de fatostoda classe de roupa feita

Variadissimo sortido de casemiras e toda a qualidade de tecidos d'algodão

Chapens calçado, guardadoes, machinas de costura etc.

Obras d'euro, prata e ouro

Redução de preços em todos os artigos

**Empresfimos sobre tudo que represente valor**

Rua 5 de Outubro n.º 45 e 56 - LAMDA

**JAIME PINTASILGO**

FABRICANTE DE LANIFICIOS COVILHÃ

O Proprietario da antiga e bem conhecida casa de lanificios PINTASILGO mais uma vez lembra aos seus amigos e clientes que tem actualmente um completo sortido em fazendas, para homens, senhoras e creanças.

E a casa que actualmente mais barato vende directamente ao consumidor e por isso prova com os enormes pedidos que recebe todos os dias.

Aproveitem! Peçam amostras á casa

**Jaime Pintasilgo - COVILHÃ**

que lhe serão enviadas na volta do correio.

Todas as despesas de transporte são de conta da casa

**Machinas e accessorios**

Para a industria e agricultura

**MOTORES ELECTRICOS** de varias voltagens e **DINAMOS** de varias amperagens **DOS MAIS AFAMADOS CONSTRUCTORES**

O maior deposito no Paiz

**LAMPADAS ELECTRICAS «POPE»** de filamento metalico

**LAMPADA** ill. TIOA Lampadas de espiral e reflector (com abat-jeur de porcelana)

nicos representante: d'estas lampadas de reputação mundial

**José J. Teixeira**

Avenida da Liberdade, 37

**LISBOA**

OS NOSSOS CONTOS

# O REALEJO

(Conto polaco)

VERSÃO DE Spiritus Asper

Em Varsovia, rua Miodowa, te-  
riais podido encontrar sempre, ao  
meio dia, um sujeito de certa idade,  
que se dirigia á praça Kr. sinski para  
a rua Senatorska.

Côr viva, suíças grisalhas, olhos  
claros, muitos melcos, vestido á ultima  
moda, caminhava lentamente, de mãos  
nos bolsos, abstraído e curvado, apre-  
tando de baixo do braço uma bengala  
ou um guarda-chuva, conforme o  
tempo.

Ao passar deante da igreja dos  
Capuchinhos levava piedosamente a  
mão ao chapéu alto, atravessava a rua  
para ver, na casa Pík, o estado do ba-  
rometro, retomava o passeio da direc-  
ta, parava deante da montra de Mie-  
czkowski, a ver as photographias de  
actrices, e continuava o seu camin-  
ho.

Cedia o passo a toda a gente, e,  
quando lhe davam uma cotovelada,  
sorría com benignidade. Se via uma  
mulher bonita, punha o olho no lorgnon,  
mas com demasiada flegma para que  
alguma vez tivesse bom exito. Este  
personagem era o dr. Thomaz, advoga-  
do.

Havia trinta annos que o dr. Tho-  
maz seguia assim cada dia a rua Mio-  
dowa, dizendo de si consigo que ella  
mudava muito. A rua Miodowa podia  
dizer d'ele outro tanto.

Quando ainda era praticante, o dr.  
Thomaz corria mais ligeiro que uma  
costureira escapada do estabelecimen-  
to. Tinha belos cabellos, bigode re-  
torcido, felva alta e fía sempre.

Ocupavam-no então incessantes en-  
trevistas de negocios e amorosas, a tal  
ponto que apezar de numerosas propo-  
stas de casamento, não tinha tempo  
de se entregar aos deveres de preten-  
dente.

Mas tornara-se, emfim, membro  
importante do foro.

Sob o esforço continuo do pensa-  
mento a testa escaldava-se e a cabeça  
occipital; brilhavam-lhe no bigode uns  
fios de prata.

Moderava-se o seu ardor juvenil.  
Possuía bons haveres, occupava um  
andar sumptuoso e pensava em casar.

Os homens já maduros são difficeis  
de contentar. O dr. Thomaz, aguarda-  
va pacientemente, transformando a pou-  
ca e pouco a sua casa numa verdadeira  
galeria artistica dando belas sorrés, e  
notando, sem demasiada pena, nos esp-  
elhos do salão, que a testa já passava  
ao outro lado da cabeça e avançava em  
direcção ao belo collarinho branco. Ter-  
minára a sua carreira: assemelhava-se  
então ao caminho socego, cujas jor-  
nadas iam sendo marcadas pelas espe-  
rações sérias, os bons concertos e as  
estrelas theatras.

Se alguma cousa lhe agradava, di-  
zia: Sabem que é uma coisa linda? E  
embora pertencesse ao pequeno nume-  
ro das pessoas que apreciam logo a  
primeira vista o talento, não condi-  
cia nunca as mediocridades:

— Deixem, deixem, respondia ao-  
descontentes. — Ele ha de mudar.

Por essa época foi quando cortou  
o bigode e deixou crescer as suíças.

Nunca olava das mulheres senão  
com extrema cortezia: a sua indulgen-  
cia abrangia todas as imperfeições hu-  
manas.

Nenhum mortal, infelizmente, está  
isento de frequencia.

O dr. Thomaz tinha a sua. Odiava  
os realejos e os tocadores de realejo  
tambem. Quando encontrava algum na  
rua perdia o bom humor para todo o  
dia. Ele, tão comedido ordinariamente,  
tão calmo, tão melgo, exaltava-se, vo-  
ciferava, enfurecia-se.

E não se ocultava de ninguem.

— A musica! — exclamava — fazer da  
musica dessa alma subtil, uma maquina,  
um instrumento de tortura!... Os to-  
cadores de realejo, senhor, são uns  
bandidos! De resto, a minha vida é só  
uma e não espero que a deixe envene-  
nar com semelhantes horrores.

Algum gracieiro de mau gosto  
lembrava-se um dia de organizar-lhe  
debaixo das janelas um concerto daque-  
le genero. Imitou-se a pontos de adoecer  
e desanhou o empresario para dueto.  
Foi preciso reunir um tribunal de hon-  
ra para evitar a effusão de sangue.

A casa que o advogado habitava mu-  
dava ás vezes de senhorio. O novo pro-  
prietario reputava seu dever, natural-  
mente, augmentar as rendas, e, em  
primeiro lugar, a do dr. Thomaz. O ad-  
vogado resignava-se, mas com a condicão  
rigorosa de se estipular formalmente no  
an endamento que nenhum realejo viria  
tocar no pateo.

Independente destas clausulas  
contractuales, o dr. Thomaz chamava á  
sua presença qualquer novo porteiro e  
travava-se o seguinte dialogo:

— Ouve, meu amigo. Como te cha-  
mas?

— Casimiro, meu senhor.

— Pois toma tento, Casimiro. Todas  
as vezes que eu entrar fora d'horas, de  
noite, e te obrigar a ir abrir, receberás  
vinte centimos, comprehendes?

— Comprehendo, meu senhor; ás suas  
ordens.

— E dar-te-ei, além disso, dez florins  
por mez. Sabes para que?

— Não o posso saber, senhor... ad-  
vogado.

— Para nunca deixares entrar nenhum  
realejo no pateo.

— Comprehendo, senhor... conde, —  
respondia o porteiro, saindo muito co-  
movido.

A habitação do dr. Thomaz compun-  
ha-se de duas partes, uma delas dava  
para a rua e a outra para um pateo in-  
terior. As salas deanteiras se viam para  
as recepções ou eram offerecidas a ami-  
gos que vinham passar alguns dias á ci-  
dade. O dr. Thomaz de ordinario só lá  
ia para vigiar o serviço. Passava os dias  
do outro lado, no seu gabinete, a cre-

ver cartas, percorrendo processos que  
às vezes lhe comunicavam para recebe-  
rem os seus conselhos, a ler e sobretudo  
a fumar. Em frente das janelas es-  
tendia-se uma via da casa, alugada por  
modestos inquilinos.

Depois de ter mudado varias vezes de  
inquilinos, o quarto fronteiro ao gabi-  
nete do advogado foi occupado, pelo São  
João, por duas mulheres e uma pequena  
de seus oito annos.

O dr. Thomaz, da sua cadeira de  
braços, podia ver bem as suas vizinhas  
todo o interior da sua casa. As duas  
mulheres mourejavam desde manha até  
á noite.

A pequena passava a maior parte do  
tempo á janella. Era uma criança de  
rosto agradável, muito palida e duma  
extranha immobildade de expressão. Di-  
verbia-se ás vezes a entrançar os fios  
de lá que a mãe deixava cair da maqui-  
na de fazer meia; depois sentava-se pa-  
recendo escutar com summa attenção.  
Nunca se ouvia rir ou cantar.

— Que creança tão singular! — dizia  
consigo o advogado, observando-a com  
crescente interesse.

Um dia, entre outros, pelas quatro  
horas da tarde, como o sol dardejava  
sobre o muro fronteiro, o dr. Thomaz  
ergueu a cabeça, fixou a vista e procura-  
rou logo a luneta.

A pequenita, debruçada do parapeito  
da janella, olhava para o ar, de pupillas  
dilatadas e o rosto agitado por um mix-  
to de tristeza e alegria.

— Ela não yêl murmurou ele conti-  
nuando a leitura; e sentiu nas palpe-  
bras uma impressão de queimadura só  
a idea de que se pudesse assim olhar  
para o sol que flamejava como uma  
forja.

Com effeito, a pequenita era cega. Es-  
tava agora brincando com o sol, como  
dantes brincava, no seu casebre dos ar-  
baldes, saltando sobre a calçada do  
pateo e batendo nos calcetres da agua. O  
seu supremo prazer então era ir de via-  
gem aos dois mundos oppostos: a agua  
furtada e a cave, lá aspirar na cave o  
cheiro amofado dos muros humidos; es-  
cutava murmurios mysteriosos e longin-  
quos: era a noite para ella. No soño,  
aonde subiam todos os ruidos da rua es-  
cutava, na corrente d'ar cálido do  
claraboia, gorgear a passarda no tecto  
do seu dia.

Mas desde que morava no bairro bur-  
guez do dr. Thomaz tinham-na enclau-  
sado severamente no quarto.

Fora não ouvia senão o passo arras-  
tado do porteiro e o seu unico prazer  
era gosar os outros instantes que o sol  
batia de chapa na sua janella.

Pouco tempo depois um amigo do ad-  
vogado teve um processo e foi-lhe pe-  
dir conselho.

O dr. Thomaz já não advogava, mas  
pela sua fama de jurisperito era muitas  
vezes consultado sobre a escolha dum  
defensor ou sobre o rumo a dar a uma  
causa. O processo em questão era com-  
plicado.

O dr. Thomaz interessou-se no caso.  
Já não se fia do gabinete, esquecia o sa-  
lão e os hospedes, passando os dias a  
folhear documentos e a tomar notas.

Um dia veio o creado de quarto fazer  
o relatório habitual.

O dr. Fulano partiu para o campo; os  
canos da agua precisam de sentupidos, o  
porteiro Casimiro, em seguida a uma  
ventura com um policia, foi oito dias  
para a cadeia. O deutor desejava ver o  
novo porteiro?

O dr. Thomaz, sepulido nos seus pa-  
peis, puchava grandes fumacões do cha-  
ruto, nem sequer respondeu.

No dia seguinte, depois d'almoço, vol-  
tou para a papilada. As duas mulheres  
observavam-no curiosamente e achavam-  
lhe o ar d'esses viuvos bem conservados  
que empregam os ultimos dias a dormir  
a escreverinha. Calculem lá se o dr.  
Thomaz tinha vagar para dormir!

De maneira que, em 1872, X lega a  
fazenda ao sobrinho, filho da irmã; de-  
pois, em 1875, lega o predio urbano a  
outro sobrinho, filho de seu irmão. Este  
ultimo afirma que X... estava doente em  
1872, ao passo que o primeiro prova  
que só perderá a razão em 1875. Ora o  
irmão da propria irmã do defuncto aduz  
testemunhas irrefragaveis de que tanto  
em 1872 como em 1875 X dava signaes  
manifestos de alienação mental, e que  
em 1869, em pleno gozo das suas facul-  
dades, legara todo o seu patrimonio a  
sua irmã. Tratava-se de saber em que  
epoca precisamente o dicto X... enlou-  
quecera e como se poderam conciliar  
as partes que se recusavam a quaquer  
composição.

Já o dr. Thomaz tinha nas mãos, um  
por um, os fios tenues das suas combi-  
nações, quando de repente no pateo, de-  
baixo da janella rebentaram os esganhos  
agudos dum realejo.

Se o defuncto do processo em pessoa  
tivesse saído do esquite e caído, não de  
corpo e espirito, no gabinete do ad-  
vogado, este não teria recebido tamanho  
choque.

Ainda se o realejo estivesse em bom  
estado e tocasse algumas modinhas bo-  
nitas! Mas era a peor zanguizarra que  
se podia ouvir, com flautas constipadas  
guinchando que fenejam a alma, e um  
trombone que rabujava como um cão  
danado.

O homem de leis, petrificado, pre-  
guntava a si mesmo se as disposições  
do testador demente lhe não davam a  
ele tambem alucinações.

Depois, perante a implacavel evi-  
dencia, despertaram-lhe no coração  
instintos sanguinarios e pensou, um  
instante, no processo summario da jus-  
ticia do D. homey.

Saltou á janella e ia gritar qualquer  
coisa horrida quando uma voz de  
criança lhe feriu os ouvidos.

Olhou para a casa da frente. A ce-  
guinha andava dançando no quarto,  
dando palmos de rosto estalado, e  
gritando: grima! a rolar-lhe dos ely-  
-

rios. O tacador do realejo reparava  
nella, e para contemplar a festa, mar-  
ca-a o compasso taconeando rijo na  
calçada do pateo e assoviando como  
locomotiva em perigo.

O ceus, e que bem acco-riava o ho-  
mem.

No mesmo instante precipitou-se  
no quarto o creado, empurrando na  
sua frente o porteiro espantado.

— Pois eu bem o tinha prevenido,  
este camelo! Bem lhe tinha dito que  
lhe dariam uma gratificação, que, tin-  
hamos um contrato!.. E um parolão,  
o casmurrol! Vem lá das berças sabem  
lá o que é a cidade!.. Ouve, ouve agora  
o que o fidalgo te vai dizer!

O realejo rompia com a terceira  
peça tão bonita como as precedentes.  
Muito palido, mas muito sereno, o  
dr. Thomaz voltou-se para o porteiro:

— Ouve, meu amigo. Como te cha-  
mas?

— Paulo.

— Pois bem, Paulo, vas ter dez  
florins por mez. Sabes por que?

— E para nunca deixares entrar  
nenhum realejo no pateo, ouvises? —  
apressou-se o creado a explicar.

— Não é disse o dr. Thomaz é  
para que durante um certo tempo os  
deixes entrar todos os dias. Perce-  
bestes?

O fidalgo que diz? perguntou o  
creado estupefacto.

— Para que até nova ordem deixes  
entrar todos os dias os realejos, repe-  
tiu o advogado metendo as mãos nos  
bolsos.

O creado de quarto fazia com as  
mãos signaes de espanto offensivos.

— Não entendo o fidalgo, já o  
não entendo!

— Que tapado és! — exclamou o dr.  
Thomaz, placidamente. — E depois, basta!  
Vão lá para o que tem a fazer.

E quando os dois homens saíam  
vto o seu fiel servo inclinar-se para o  
ouvido do porteiro, applicando o dedo  
à testa.

O velho advogado sorriu, e, como  
para confirmar os tristes presentimen-  
tos do creado, atirou ao tacador de  
realejo uma moeda de prata.

Depois pegou na agenda, procurou  
as listas de medicos e notou as direc-  
ções d'alguns especialistas de phisio:  
E como, o realejo continuava a dar-  
lhe musica pela moeda de prata, dob-  
rou a folha das direcções e saiu apressa-  
do e murmurando:

— Pobres creanças! Ha quanto tempo  
eu devia ter-me occupado d'ella!

**Devida reparação**

Do sr. Padre Jorge de Lima Machado  
recebemos esta carta para ser publica-  
da hoje:

Como se um constante effluvio  
de graça divina vibrasse continua-  
mente na minha alma a recordar-  
me o cumprimento do dever, con-  
vencido de que a minha alma au-  
gustada só encontrará felicidade no  
sacrificio heroico de paixões  
enervantes cuja renuncia a digni-  
ficará e prestigiará, eu sinto que  
são bem horas de reparar o meu  
escandalo que tanto abalou a con-  
sciencia da sociedade religiosa —  
tristissima occorrenca que hoje la-  
mento sinceramente e para a qual  
venho solicitar a absolvição e o  
esquecimento.

Não foi uma apostasia a minha  
culpa. Ao contrario do que ten-  
denciosamente se fez correr, nada  
proferi nem escrevi contra qual  
quer dogma ou ponto fundamen-  
tal da Igreja Romana cuja dou-  
trina professo inteiramente.

Foi simplesmente uma grave  
infracção á disciplina ecclesiastica  
naquella moral que é imposta ao  
padre como modelo da alma cris-  
tã.

Esta culpa foi publica, escanda-  
losamente publica; publicamente a  
confesso em sincero acto de con-  
trição. Cedi á tentação da serpe,  
numa hora de triste alucinação.

Cego para a Verdade, quando  
abri os olhos encontrei-me a den-  
tro das grades dum carcere — a  
realidade da vida.

Felizmente que a Fé, acompa-  
nhou sempre os meus passos de  
infortunio, e embora a advocacia,  
as letras, o commercio e outros ra-  
mos de actividade se me offereçam  
vantajosamente, a tudo renuncio,  
pois reconhecço e creio que é inde-  
vel o caracter que o Sacramento da  
Ordem imprimiu na minha alma,  
desejando morrer na pratica  
feliz do sacerdotio catolico.

Posso na verdade exclamar com  
o salmista arrependido: *erravi  
sicut ovis quae perit quare ser-  
vum tuum quia mandata tua non  
sum oblitus.* — Errei, como a  
ovelha que se tresmalha; procura  
Senhor o teu servo, porque ainda  
não esqueci os teus mandamentos.  
— (Ps. 118, v. 176).

E a virtude do arrependimento  
quero aliar o nobre sentimento da  
graça.

Sei que se orou muito por mim  
E essas orações, algumas até or-  
valhadas de lagrimas feriram o  
coração de Deus, que me enviou  
a sua graça redemptora, resusci-  
tando a minha alma da culpa enor-  
me em que tinha caído.

Guardo com carinho as dezes-  
nas de documentos comprovativos  
da pratica mais bella da Caridade  
cristã.

A todos esses corações indul-  
gentes e amis s que assim vieram  
ao meu encontro na subida  
Ingreme e dolorosa do meu Cal-  
vario de agonias e desalentos, pro-  
testo o meu eterno reconhec-  
mento.

Recordar-me hei deles no dia  
ansiosamente esperado em que,  
com plena jurisdicção e no desem-  
penho sublime do poder sacerdo-  
tal, novamente sacrificie nos alta-  
res de propiciação da Igreja Ca-  
tolica o Cordeiro de Deus que  
perdoa os peccados do mundo.

E para que nesse dia nada res-  
te dum passado que se deve es-  
quecer, eu desisto de todos os  
processos que desejava instaurar  
e até mesmo me desinteresseo  
d'aquelles que ainda cogrem seus  
tramites judiciais contra todos os  
que um sentimento de revolta,  
felizmente extincto, me apontou  
como inimigos.

Não pôde haver odio numa alma  
sacerdotal. *Deus caritas est.* (I Joan. IV, 8).

E assim, conscio do perdão de  
Deus e da sociedade culta, peço a  
todos quantos escandalizei me re-  
levem a culpa e em especial, ao  
meu Ex.º Prelado, a Quem res-  
peitosa e submissamente osculo o  
anel pastor.

Sirva esta minha declaração para  
satisfação da minha consciencia  
e para o livre, fiel e exacto  
cumprimento do Canone 2242 do  
Direito Ecclesiastico.

Povo de Vaxim, dia do Patro-  
cinio de Nossa Senhora no Bre-  
viario Bracarense, 13 de Novem-  
bro de 1921.

PADRE JORGE MARIA DE LIMA  
MACHADO.

E' com viva satisfação que da-  
mos publicidade á reparação do  
sr. Padre Jorge de Lima Ma-

**Devida reparação**

chada nestas columnas onde a sua  
queda a teve tambem.

Distinguímos então, no meio do  
clamor confuso, entre Egreja e  
clero para que se não attribuisse  
aquella as falencias moraes deste.

Não fizemos cõro com os que  
cobriram de improprios o sr. Pa-  
dre Jorge; deploramo lo apenas e  
vibrámos os que com applausos o  
arrastavam para a ruina definiti-  
va.

Não o conseguiram. O home-  
nageado de hontem, hoje na attitu-  
de dignificante de arrependido,  
vae talvez ouvir os improprios  
dos que então o applaudiram.

Que os applausos de ontem e os  
improprios de amanhã, se vierem  
sejam sobrepujados pela voz po-  
tente da consciencia cristã, que  
neste momento indica ao sr. Pa-  
dre Jorge de Lima Machado o  
caminho por onde através dos se-  
culos tantos transviados ascende-  
ram de mais baixo ás eminencias  
da santidade.

**O jornalista americano**

William Barkley Masterson

Este redactor desportivo do «Morning  
Telegraph», que acaba de morrer em  
New York com 67 annos de idade, teve  
uma vida aventureira, de que nos che-  
gam cheios os jornaes inglezes.

Como homenagem ao colega falecido  
e acciepe aos frequentadores do Theatro  
Circo que gostem de fitas americanas  
com cowboys, Peles Vermelhas e tiro-  
peito bravo offerecemos um resumo des-  
sa vida... que não é fita.

Masterson foi herife — governador —  
entre os cowboysbatoeiros e mineiros dos  
campos de Bret Harie, nessa cidade,  
de madeira improvisada, que vemos nas  
fitas cinematograficas, e foi companheiro  
de rancho de Teodoro Roosevelt, que  
mais tarde foi presidente da Republica  
dos Estados Unidos e era então Cowboy  
amador. Os duélos á pistola, por esse  
tempo eram uma das mais frequen-  
tes diversões d'aquella vida arriscada.

Masterson, aos 18 annos, fugiu do  
quinto do pae, no estado do Kansas, jun-  
tando-se a uma trupe de caçadores de bu-  
falos e miltoz nas forças que combatam  
os Indis sob o comando do famoso ge-  
nêral Nelson Miles, tomando parte em  
vitas batalhas com os Peles Verme-  
lhas.

Um dia, numa refrega com os cowboys  
numa rua de certa cidade da fronteira  
mataram-lhe um irmão, que era go-  
vernador da cidade. Masterson, que com o  
irmão vinha algo tocado da pinga, ainda  
— assim no meio do tumulto avançou de  
pistola em punho e matou dois dos cow-  
boys.

Nunca mais foi um batoeiro, irritado  
porque Masterson estava ganhando, pu-  
cou pela pistola, mas a visada victima,  
já temida pela cortezia da sua pontaria,  
andou mais depressa e com um tiro es-  
tendeu o seu inimigo.

Doutra vez um cowboy despitado  
veio á cidade e disparou contra a casa  
de um governador matando uma mulher.  
Masterson saiu a campo, e ali ao pôr do  
sol, travou-se um tremendo duello á pi-  
stola de que resultou ficar morto o cow-  
boy agressor.

Mas a aventura mais celebrada de Mas-  
terson — e são inumeras — é a que regis-  
ta os anaes do Oeste sob a designação  
de batalha de Dobe Wells, Masterson  
tinha saindo para a saca com 9 homens  
estabeleceram o quartel general numa  
taberna de pedra solta. De noite abatu-  
o tecto acordando os e á luz do crepus-  
culo matutino começaram a reparar o  
estrago.

Precisamente naquella occasião um  
bando de 3 soldados de Arapahoe e Chey-  
enne, sob o comando de um negro, ag-  
ressor de cavalaria, operou uma descida  
àquelle lugar.

Os 10 homens desceram do tecto para  
fazer frente aos 300 Indios e durante 21  
dias resistiram heroicamente ao ataque  
daquelle força trinta vezes superior.

Ao fim dos 21 dias Masterson saltou da  
«fortaleza» e empenhou uma luta corpo  
a corpo com o negro, que desafiara o  
mais valente do reduzido bando para um  
combate singular. O nosso heroe, em  
poucos minutos matou o negro e os In-  
dios desanimados com a derrecta, desapa-  
receram.

Tal é, em brevissimo resumo, a vida do  
jornalista que a semana passada se finou  
em New York.

**Bandidos assaítam um comboio**

Telegrafam de Nova York ao «Tim-  
mes», em 8, que no Estado do Illinois  
uns bandidos assaítaram um comboio,  
na esplanca de se apoderarem duma  
mala com 100.000 dollars.

Empregaram no ataque pistolas e  
dinamite, e no fim, com petroleo, peg-  
aram fogo a um vagão. Anhai só  
conseguiram apañhar uns centos de  
dollars.

Ficaram feridos alguns passeeiros.  
NA RUSSIA.

**Outro atentado contra Tchitcherine**

Telegrafam de Riga em 13, que se-  
gundo noticias de Moscou um socia-  
lista revolucionario disparou dois tiros  
de revolver contra Tchitcherine, não o  
atingindo.

O agressor foi immediatamente pre-  
so. Em consequencia do attentado efec-  
tuaram-se 2500 prisões.

**Revolta de Mouros**

MELLILA, 15.—Noticia-se que os  
mouros da Cabida de Ben-Said se re-  
voltaram contra Abd-el-Krim, batendo-  
se com outros mouros, e havendo  
da refrega muitos mortos.—Radio.

**Coluna de Sanjurjo**

MELLILA, 15.—Chegou a coluna do  
general Sanjurjo que foi recebida festi-  
vamente, estando todas as casas enlan-  
gnadas.—Radio.

**Explozão**

FERROL, 14.—Deu-se uma explo-  
são num torpedeiro que andava em  
exercícios. Alguns tripulantes ficaram  
feridos.

Foi um rovocador buscado para o  
trazer para o porto.—Radio.

**«Record» de navegação**

NOVA YORK, 15 — Chegou  
a este porto o vapor «Sauter-  
ne», que fez a viagem do  
Rio de Janeiro, em 11 dias e  
54 minutos, estabelecendo assim  
um novo «record».—Radio.

**Conferencias, conferencias**

IACURSTAK, 15.—Chegaram  
representantes do Japão, Filipi-  
nas e outras nações. São es-  
perados os representantes da  
China.—Radio.

TOQUIO, 15. — O governo  
espera o resultado da confe-  
rencia de D. Irem, para retirar  
as tropas de occupação da Sibe-  
ria.—Radio.

**Paz com Alemanha**

WASHINGTON, 15.—O presidente  
Harding assinou uma proclamação,  
declarando o estado de paz com a Ale-  
manha.—Radio.

**Desconfiança**

PEQUIM, 15.—O governo dos sovietas  
da Sibéria, que não foi convidado para  
a conferencia de Washington, convidou  
varias nações para uma conferencia.

**Conferencia do desarmamento**

PARIS 15.—O assunto principal da im-  
prensa de hoje, foi a conferencia do  
desarmamento que é comentada favo-  
ravelmente.—Radio.

**As questões internacionais**

BELGRADO, 15.—Tendo a Sudestria  
resolvido que não podia admitir a  
aota dos embaixadores das potencias  
aliadas acerca da delimitação de fronte-  
teiras, o gabinete enviou uma nota aos  
aliados.—Radio.

**Homenagem a Antonio Gran'o**

GAIA, 15.—A Camara Municipal  
de Gaia resolveu comparecer na Ba-  
passagem das Devezas, segunda feira, á  
passagem do cadaver de Antonio  
Grado, que segue para Chaves.

O Presidente da Commissão Executi-  
va depositará uma coroa sobre o  
tecto.

A Camara convidou os municipaes  
a tirarem parte no cortejo.

**Reunião malograda**

GAIA, 15.—A União dos Inquilinos  
de Gaia, distribuiu uns convites  
para todos os inquilinos compare-  
cerem na rua 1.ª de Maio, onde de-  
via efectuar-se um comicio de protes-  
to contra as pretensões dos senhorios.

A autoridade impediu a realiza-  
ção do comicio. Não houve disturbios  
nem incidente como a principio se  
temeu.

**Gr.ve**

NOVA YORK, 15.—Estão em greve  
60.000 operarios, protestando contra  
varias coisas, especialmente contra a  
semana de 49 horas.—Radio.

**Selos para colecções**

Pagam-se muito bem selos antigos de  
Portugal, D. Maria II, D. Pedro V, An-  
tonio, etc. sendo perfeitos.

**A. Simões Ferreira**

## Noticias do Paiz

**ALCANENA.** — Apareceu aqui ha algum tempo uma  
doença de caracter epidemico  
que ataca os animais de raça  
bovina. As mortes já são ba-  
stantes.

**SALREU.** — Graça aqui  
em certa intensidade e com  
caracter epidemico, a diarrreia  
baçilar ou sanguinea.

**OLIVEIRA DO HOSPITAL.**  
—No novo edificio dos peços  
do concelho já foram instala-  
dos definitivamente os cor-  
reios e telegrafos.

**ALFEIZERÃO.** — Vae ser  
constituida uma ponte de pedra  
sobre o rio de Alfeizerão, que  
muito vem beneficiar esta villa  
pela facilidade de comunicação  
com Macieira.

**BUCELAS.** — A Guarda N.  
Republicana prendeu Virgilio  
Jorge por ter espancado seus  
paeis.

E ainda ha quem proclame  
a perfeição da moral presente  
que fomenta e admite cri-  
mes desta natureza.

**LAMEGO.** — Não se tem  
feito nenhuma transacção de  
vinhos, estando as adegas abso-  
lutamente intactas.

**OLIVEIRA DO HOSPITAL.**  
—Tem-se conservado grande  
estigagem que tem feito grande  
mal á agricultura.

**PENELAS.** — A colheita da  
azeitona foi extraordinaria em  
este grande devedo o azeite  
deminiuir muito de preço por  
tal motivo.

**SANTÁREM.** — Foi adquirido  
pela commissão de sub-tencias  
um vapor de feijão para o con-  
selho.

**PINHEL.** — A festa da flo-  
realizada por um grupo de  
senhoras da nossa «élite» a fa-  
vor do Hospital rendeu es-  
2.600\$00.

**ERVEDAL DO ALEMTEJO.**  
—Em virtude da grande estig-  
gem que se tem conservado  
estão completamte paraliza-  
dos os trabalhos agricolas.

## FOR ESSE MUNDO

**Revista da imprensa estrangeira**

NA INGLATERRA

**Um homem com 146 annos**

Novo vapor grego «Patris», que che-  
gou ha dias a Marselha, vindo de Con-  
stantinopla, vinha um passeeiro com a  
bonita idade de 146 annos!

Chama-se Djouro e Na-çeu, segun-  
do os seus papeis, em Tiflis, no Cau-  
casso, em 1775.

Foi carreiro em Constantinopla  
grande parte da sua vida. O capitão  
do navio, já ainda muito vivo para a  
sua idade. Durante uma grande tem-  
pestade, caminho de Marselha, ficou  
tudo o navio no convés, enquanto que  
fólos os outros passeeiros se refugia-  
ram nas cabinhas. O «Daily Chronicle»  
de o do corrente diz que Djouro era  
esperado em Londres.

# NOTICIAS LOCAES

## Assembleia Geral

Por ordem do sr. Presidente da Associação Commercial foi convocada uma reunião da Assembleia Geral para hoje, ás 16 horas, a fim de se tratar da aquisição de um prédio aonde a dita associação possa instalar-se, e resolver ao mesmo tempo sobre um emprestimo a contrahir, destinado ao pagamento do mesmo prédio. Se no dia marcado não comparecer numero legal de socios, ficará a reunião para o dia 27, ás mesmas horas.

## Festas Nicolinas

A Academia Vimaranesense festeja a gloriosa data do 1.º de Dezembro com uma receita de gala no theatro D. Afonso Henrique.

Tambem celebra este ano as festas nicolinas, dando entrada nesta cidade, no dia 29 do corrente, o classico «pinheiro», annunciador das festas.

## Melhoras

Vimos completamente restabelecido dos incomodos que o retiveram no leito o nosso presado amigo sr. Padre Francisco Almeida, d'incto professor da Escola Primaria Superior.

—Continua melhorando, no Hospital da Santa Casa da Misericordia, o sr. Padre Adriaõ das Neves Saraiva.

## Funeral

Foi muito concorrido o funeral que se realizou na freguezia de Athães, do sr. dr. José Monteiro d'Oliveira. Tomou a chave do caixão o sr. Coronel Alcino da Costa Machado.

## Missa de sufragio

Na igreja de S. Domingos celebrou-se uma missa em sufragio da alma do saudoso titular sr. Visconde do Paço de Nespereira (Gaspar), em comemoração do primeiro aniversario do seu falecimento.

## Quem chega e quem parte

Regressou da praia de Ancora, com sua esposa, o importante industrial sr. João Rodrigues Loureiro.

—Da sua casa de Paço, regressou ao Porto o sr. Conde de Paço Vieira.

—Esteve entre nós a sr.ª Viscondessa de Nespereira.

## Correspondencias

### CALDAS DAS TAIPAS, 17

Agora mesmo, 8 e meia horas, acaba de faiecer, victima de terrivel sofrimento e confortado com os Sacramentos da Santa Egrela, na casa de sua habitação—Rua 31 de Janeiro—o rev. Manuel Rodrigues de Faria, ex-prior d'Ariosa, Viana do Castelo. Tambem parquiuo as freguesias de Figueiredo arciprestado de Braga, e Santa Maria d'Airão e S. Martinho de Sande, no arciprestado de Guimarães,

Contava 72 anos de idade e viveu sempre cultivando a piedade, dando a todos salutar exemplo. O seu funeral realisa-se amanhã na egreja desta povoação.

—Principia hoje nesta freguesia o tríduo do S. C. de Jesus.

E' tridista o rev. dr. José Maria Gomas, da cidade de Lamego.

—Casaram-se no dia 6 do corrente na egreja parochial desta povoação, os srs. José Maria Antunes, agronomo, de Santatem, e D. Maria Amalia de Barros Faria e Castro, filha do sr. dr. Luiz de Barros de Faria e Castro.

—Tambem se casaram na mesma egreja no dia 14 do corrente os exms srs. Armando Magalhães Rangel Gardoso, negociante na cidade do Porto, e D. Laura Ferreira de Barros Faria e Castro, filho do mesmo medico dr. Luiz, —C.

—Casaram-se no dia 6 do corrente na egreja parochial desta povoação, os srs. José Maria Antunes, agronomo, de Santatem, e D. Maria Amalia de Barros Faria e Castro, filha do sr. dr. Luiz de Barros de Faria e Castro.

—Tambem se casaram na mesma egreja no dia 14 do corrente os exms srs. Armando Magalhães Rangel Gardoso, negociante na cidade do Porto, e D. Laura Ferreira de Barros Faria e Castro, filho do mesmo medico dr. Luiz, —C.

## Doenças delhas

Dr. Correia de Barros, director—Instituto ophthalmologico do Porto, Rua Sá da Bandeira 263, das 4 ás 6 horas nos dias uteis.

## CASA LIMA

Tomás d'Oliveira Lima

138, Rua Sousa Trêpa, 140

### Santo Tirso

Nesta casa ha sempre, em deposito, sortidos completos de louças e vidros das fabricas da Marinha Grande, Vista Alegre, Massarelos, Sacavem, Prado, Aveiro e Barcelos.

Calçado de luxo para homem, senhora e creança. Calçado de fancia de todas as medidas e feitios. Sapatos de lona, liga, marroquim, agasalho e alpecatas. Pomada e todas as miudezas para calçado. Vendas por junto e a retalho.

# Casa NUNALVARES

Rua da Republica

## GUIMARAES

Livraria, papelaria, Artigos religiosos e Tabacarias

Grande sortido em estampas religiosas, medalhas, terços, crucifixos, livros da missa, etc Livros escolares e outros. Perfumarias, artigos para pintura e flores.—Aceita agencias, comissões e consignações.

Escritorios da «VOZ DE GUIMARAES»

Sucursal do "Diario do Minho."

## Banco Popular Portuguez

Capital: 3.000.000:00

Agencias em todas as localidades do Paiz  
Agente em Guimarães: José Joaquim Vieira de Castro

(Antiga Casa Sequeira—Rua de S. Damaso)

Desconta letras sobre todas as agencias.

Aceita dinheiro a prazo e á ordem

Compra libras, cheques, coupons, etc.

Quem pretender colocar bem SEGURO o seu dinheiro pode dirigir-se a esta casa, pois tem sempre papel para render bom juro.

## Colégio Academico

Campo da Misericordia

### GUIMARAES

Admite alunos internos, semi-internos e externos

para instrução primaria, secundaria e comercial. Educação moral cuidadosa. Boa alimentação e disciplina suave.

Dão esclarecimentos os Directores:

Dr. Alfredo Peixoto e Luiz Gonzaga Pereira

Representantes em Moaõ:

## Grande Serração e Moagem de Braga

Junto da estação

Encarregam-se da serragem de madeiras de todas as qualidades e dimensões e da moagem de quaesquer cereaes, tudo bem e com promptidão, a preços reduzidos.

Dias & Freitas limitada

## Materiaes de construção

Madeiras, ferro, ferragens e chumbo em barra anomonio, manganaz drogas, tintas, productos quimicos enxofres, carboneto, sulfato de cobre, papéis, fio, extra.

F. H. Oliveira & C.ª Limitada

Agencia no Porto RUA DO ALMADA

## A LIQUIDADORA

R, chãos 89 a 95

### Beilões ás quintas feias

Mobílias completas novas ou uzadas a preços de occasião.

Deposito permanente de moveis avulso

Esta casa recebe moveis e qualquer outros objectos para venda em leilão.

Encarrega-se da venda de recheio de casas em leilão podendo ser organizado e vendido na propria residencia, ou particularmente.

Não comprem nem vendam sem visitar esta casa.

Trata-se da compra ou venda de propriedades

## GAZOLINA "SHEL,"

Qualidade superior

THE LISBON COAL & OIL FUEL Pedidos Ca: LIMITED

Telefone 834

PORTO

## Banco Nacional Ultramarino

FUNDADO EM 1864

CAPITAL, Esc. 24.000.000:00. — FUNDO DE RESERVA, Esc. 24.000.000:00

Banco Emissor para as Colonias—Séde em Lisboa

Dependencias em Portugal—Aveiro, Barcellos, Beja, Braga, Bragança, Castel. Branco, Coimbra, Covilhã, Elvas, Evora, Extremoz, Faro, Figueira da Foz, Guar da, Guimarães, Lamego, Leiria, Oporto, Ovar, Penafiel, Portalegre, Porto, Santa rem, Silves, Torres Vedras, Viana do Castelo, Vila Nova de Portimão, Vila Real e Viseu.

Ilhas adjacentes—Madeira, Funchal, S. Miguel (Açores), Ponta Delgada, Filices no estrangeiro—Londres, Paris e Nova York.

No Brazil—Rio de Janeiro, Santos, S. Paulo, Bahia, Pernambuco, Pará, Campos Maraos, Parahiba do Norte.

Recomendam-se as Agencias deste Banco no Brazil para os seques sobre qua localidade de Portugal.

Correspondentes—Nas principais localidades do Paiz, ilhas adjacentes e todas as partes do mundo.

Operações Bancarias em todos os generos no Continente com as Colonias, ilhas adjacentes, Brazils restantes países do mundo.

Compra e venda de seques sobre o estrangeiro, notas e moedas estrangeiras, se posses, etc. Operações de bolsa.

Agencia e servico de credito divirtas e circulares sobre as Colonias e todas as partes do mundo.

## O Capote Alentejano

FEITO EM EVO A

NA

### Casa Alentejana

E' o melhor abfo que se pode obter para resguardo da chuva e do frio.

Não existe tambem outro modelo que melhor convenha para viagem, pois sendo estes capotes forrados completamente com baetas de lã, são um agzalho de primeira ordem para quem tem de viajar em carro ou de cavallaria.

Pedir amostras de fizendas a

BERNARDO J. NAIA

RUA JOAO DE DEUS, 2 e 8

Epora

Representante em Braga FELIX CRUZ—Largo dos Pedros, 22.

## A "FUNERARIA,"

30

José Antonio da Silva & Filhos

Rua de S. Vicente 23 25—Braga.



Marca registrada

## CASA DOS POSTAES

Mathias Campos

Rua do Souto, 57 — BRAGA

PAPELARIA E TYPOGRAPHIA

Encadernação em todos os generos.

POSTAES ILLUSTRADOS

Cartões de barracha e metais, Sinaes para laços.

ARTIGOS PARA PHOTOGRAPHIA

Perfumarias e Quinquilherias.

## Objectos reli iosos

VENDE-SE

Diplomas de Primeira Comunhão, em cor e com magnificas fotografuras.—Preço 50 reis.

Cadernetas para catequistas.—Preço 60 reis

Abatimento de 20 por c. a quem comprar mais de 50 ex.

Brindes religiosos para primel ras comunhões.

Muito variados, ultimas remesas da Alemanha.

Preços muito modicos.

Livros á venda:—A Ultima Condessa de Athouguia—Ultima edição pelo Dr. Valerio Cordeiro.

O Meo do Coração de Jesus—tradução do Padre Manuel Joaquim Gonçalves. Autor o Padre Francisco J. Gautrolet.

Dom Nuno Guerreiro e Monej —Por Almafa a.

Modo de Ajudar á Missa—Destinada ás Catecheses da Doutrina Cristã.

Amã vos uns aos outros—Por Frei Gil da Soledade.

Catecismo da Doutrina Cristã—Publicado por ordem de Sua Santidade o Papa Pio X.

Uma Quaresma Anti-Clerical—Pelo Dr. Artur Bivar.

Isabel Versão do francez por Britos de Almeida.

Construções de jardins, parques, pomares etc. Colmeias e outros artigos

Arvores fructíferas florestaes, Sementes e flores

Catalogo gratis

ANTIGO HORTO MARQUES LOUREIRO

O maior e mais completo sortido em

QUINTA DAS VINHAS, ES PORTO

Companhia Horticola

## GARRAGE BIGAS

Participa aos seus fregueses que mudou para a rua de Santa Cruz (Pedros) n.º 58—telefone nº 258.